

O desgaste que desgosta o presidente

O presidente da República confidenciou a integrantes do sistema de comunicação oficial, reunidos em seminário, que está pagando preço político muito alto para corrigir a economia. Pior do que isso, entretanto, segundo s. exa., "é tratar a doença grave com soluções demagógicas". Para remate, adiantou que se a economia está precisando de remédios, mesmo amargos, ele irá ministrá-los, "com dureza". É o caso de dizer, até que enfim! Porque não existe tratamento indolor contra a inflação; e será muito conveniente que o sr. José Sarney se aperceba sem mais delongas dessa verdade e se disponha a recorrer aos remédios amargos, antes que seja tarde demais, isto é, antes que a crise econômica provoque tamanha crise social que o País ingresse na senda que o conduzirá ao desconhecido e o poder público constituído se veja na iminência de ser ultrapassado pelos acontecimentos, perdida a autoridade que deveria ter desempenhado para funcionar a contento.

Crê o chefe do governo que o Brasil ainda se descartará sem maiores tropeços das dificuldades do presente, pois a economia não passa por uma crise estrutural. Doce engano d'alma. A economia está, como afirma o deputado Delfim Netto, destruída. Não se conhecem os custos de tudo, vive-se sob o regime artificial do preço administrado, a desvalorização monetária beira a hiperinflação, o déficit público não cessa de avolumar-se, dilapidaram-se as reservas cambiais, sobreveio a pantomima da *moratória técnica*. Em vez de ser dito ao credor estrangeiro *não posso pagar*, montou-se o espetáculo destinado à opinião pública interna; e foi dito simplesmente *não pago*. Se esse espetáculo agrada ao clube da esquerda, que é minoria evidente no conjunto da opinião popular, põe em so-

bressalto a grande maioria dos brasileiros, que percebem os riscos da bravata e gostariam de que tudo houvesse transcorrido de forma diversa e de que as reservas em dólares fossem preservadas da desadministração oficial — da qual o próprio presidente da República é vítima, tanto que expressa o reconhecimento serôdio do "desgaste" a que se expõe.

Observe-se contudo que preço mais alto será o cobrado ao chefe de Estado por *não corrigir a economia*. Pois, preço suportável, efetuada a correção adequada, será o transitório, como aquele que decidiu pagar o marechal Castello Branco, quando deu força total aos ministros Octavio Gouvêa de Bulhões e Roberto Campos para combater a inflação, no início de sua gestão. O preço insuportável, e fadado a ser cobrado em caráter definitivo, será o correspondente às meias-soluções, às providências meramente paliativas, às saídas demagógicas, que apenas adiam a oportunidade de adoção das medidas heróicas sem as quais não se reordenará a economia, se estabilizará a moeda, se restabelecerá a produção, se entrará a recuperar os saldos de divisas e se reiniciará investimentos, essenciais a evitar o empobrecimento nacional, cujas consequências sobre mercado de trabalho, mão-de-obra, iniciativa privada, Erário etc., etc., etc. operarão a longo prazo, assinalando danos inestimáveis.

O sr. José Sarney, impondo por tempo demasiado o congelamento de preços, já sente na carne o drama de ter propiciado ao PMDB, em 15 de novembro, uma vitória que, para ele, se vai convertendo, a cada dia, em derrota desastrosa. Esfregou a lâmpada maravilhosa mandando prender bois no pasto e amordaçando o mercado, fez surgir o gênio e vê agora que esse gênio, o PMDB, se articula para estabelecer, via *projetos de decisão*, emendas por maioria

simples à Carta vigente, votadas no Congresso Constituinte. Ora, isso conferiria à Assembléia até mesmo poderes para mandar para casa o presidente da República, *relevando-o* do exercício das funções inerentes à sua autoridade, como se fez no Peru com o general Velasco Alvarado...

Em suma, o que se deve concluir é o seguinte: enquanto quiser empurrar com a barriga os percalços com que se defronta na economia, o governo verá crescer ao redor obstáculos de todo tipo, espalhados por adversários que sonham com a troca do titular do Executivo. Na medida em que, "com dureza" (e nunca lucrar nada em lançar mão da moleza), o presidente, afinal, enfrente o descabro que atinge produção, comércio interno e exterior, agricultura e pecuária, e serviços, haverá comando bem-sucedido. Com isso, o Executivo estará preparado para guerrear no plano político, castigar os bifrontes, denunciar os transfugas, identificar o inimigo encapuzado que espreita a ocasião de dar o golpe fatal e arrumar a casa, e compor um contingente de parlamentares que formem maioria estável. A eles caberá oferecer ao Palácio do Planalto o apoio de que carece para levar a bom termo a árdua missão de que está incumbido, fazendo o País transpor a ponte da transição por que passa, para atingir a democracia.

O desgaste que desgosta o presidente da República decorre pura e simplesmente da falta de posições definidas e de atitudes marcantes. "O presidencialismo", ensinou Alberdi, "é o regime no qual o chefe de Estado imprime aos acontecimentos a marca de sua individualidade". No dia em que o sr. José Sarney quiser seguir a lição do jurista argentino, constatará que é mais fácil do que supõe exorcizar os maus espíritos, que lhe tiram a paz e sabotam o governo.